

## A CONSTITUIÇÃO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD) A PARTIR DO DESENVOLVIMENTO DA INTELIGÊNCIA COLETIVA E DE COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

Wellington Tavares<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)/Centro de Educação Aberta e a Distância (CEAD)/ Departamento de Gestão Pública (DEGEP), wellington@cead.ufop.br

**Resumo** – O presente estudo se propõe a evidenciar e defender que a Educação a Distância se ampara na formação de comunidades virtuais e que a inteligência coletiva mostra-se como um conceito fundamental para compreender as relações estabelecidas nas comunidades virtuais de aprendizagem na EAD. Neste sentido, o ensaio teórico se faz a partir de conceituações sobre temas como “redes sociais na internet”, “comunidades virtuais” e “inteligência coletiva”, buscando aproximar tais conceitos e mostrar seus imbricamentos na prática da EAD. Se justifica em função dos distanciamentos dos conceitos apresentados acima e como forma de apresentar uma aproximação entre eles, a qual possa desencadear, além de ganhos teóricos no campo da EAD, possibilidades de esclarecimentos que levem a alterações na prática da mesma. Por fim, a discussão procurou evidenciar que a EAD pode se aproveitar das possibilidades de criação e compartilhamento de conhecimentos na coletividade opondo-se às situações nas quais esta modalidade de ensino, ou seus atores – educadores e estudantes – amparam-se em atividades individualizadas e perdem oportunidades de melhorar a qualidade dos processos de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Educação a Distância. Ciberespaço. Cibercultura. Comunidades Virtuais. Inteligência Coletiva.

**Abstract** – This study aims to demonstrate and advocate the Distance Education is supported by the formation of virtual communities and the collective intelligence shows itself as a key to understanding the relationships established in the virtual learning communities in distance education concept. In this sense, the theory test is made from conceptualizations on topics such as "social networking sites", "virtual communities" and "collective intelligence", seeking to relate these concepts and show their relationships in the practice of distance education. Justified on the basis of distances of the concepts presented above and in order to provide a connection between them, which might trigger, besides theoretical gains in the field of distance education, opportunities for clarification that lead to changes in the practice of it. Finally, the discussion sought to highlight the EAD can take advantage of the possibilities of creation and knowledge sharing in the community as opposed to situations in which this type of education, or his actors - teachers and students - are based on individual activities and lose opportunities to improve the quality of teaching- learning.

**Keywords:** Distance Education. Cyberspace. Cyberculture. Virtual Communities. Collective Intelligence.

## 1. Introdução

Atualmente muitos contextos e conceitos ligados à internet e tecnologias de informação e comunicação tem surgido ou mesmo se estabelecido, contudo as discussões sobre eles muitas vezes caminham dispersas ao invés de relacioná-los, especialmente quando estes fazem parte de um todo e apresentam naturezas semelhantes. Como exemplo, nota-se claramente que conceitos chave como Educação a Distância, Comunidades Virtuais e Inteligência Coletiva têm sido explorados muitas vezes de modo individualizado, embora eles estejam imbricados na prática vivenciada no campo da educação, especialmente na modalidade realizada virtualmente.

Além disso, conceitos chave como “redes sociais na internet”, “ciberespaço” e “cibercultura”, além de interligados na prática, têm sido muito utilizados nas discussões sobre as formas de interação e comunicação via internet. Portanto, as redes sociais estabelecidas no ciberespaço criam formas culturais próprias nestes espaços surgidos através do – e suportados pelo – desenvolvimento tecnológico recente. Além disso, são estas redes que tem possibilitado verificar o surgimento de comunidades virtuais pautadas por elementos semelhantes aos encontrados nas comunidades dos espaços físicos/reais, tais como identificação com o “outro”, vínculos afetivos, cooperação para o alcance de objetivos compartilhados, intercâmbio de informações e conhecimento, entre outros.

Tais comunidades virtuais também têm sido formadas em função e em torno do aprendizado, o qual, quando compartilhado, tem-se convencido chamar de Inteligência Coletiva. É neste contexto de compartilhamento de conhecimentos que se cria uma rede da qual a EAD depende e se funda. Contudo, conforme dito no início desta discussão, tais conceitos e elementos estão sobremaneira distantes na teoria e, possivelmente em virtude disso, surgem e perpetuam diversos questionamentos neste contexto, tais como: A Educação a Distância se ampara na formação de comunidades virtuais? Qual o papel da inteligência coletiva para a formação de comunidades virtuais de aprendizagem na EAD?

Como forma de responder tais questionamentos levantados, este ensaio teórico tem por objetivo apresentar e discutir conceitos e elementos que procuram evidenciar que a Educação a Distância se desenvolve a partir de comunidades virtuais de aprendizagem, às quais se fundamentam na inteligência coletiva efetivada nas redes virtuais.

Tal estudo se justifica em função dos distanciamentos conceituais apresentados acima e como forma de apresentar uma aproximação entre eles, a qual possa desencadear, além de ganhos teóricos no campo da EAD, possibilidades de esclarecimentos que levem a alterações na prática da EAD. Alterações estas que podem passar especialmente por mudanças nas formas como educadores e estudantes encaram e agem no contexto da EAD, como por exemplo, ao trocar o enfoque do processo de aprendizado do modo individualizado para o coletivo.

Para o alcance dos objetivos estabelecidos, este estudo apresenta a seguinte

estrutura. Além desta primeira seção introdutória, a segunda seção apresenta uma discussão que passa pelas redes sociais na internet, seguida da formação de comunidades virtuais e finalizando com a inteligência coletiva e sua relação com a EAD. Na terceira seção apresenta-se a discussão proposta neste ensaio tendo por base o referencial teórico apresentado na segunda seção. Já na quarta seção são apresentadas as considerações finais deste estudo e, por fim, na quinta seção apontam-se as referências que deram base para a elaboração das discussões aqui apresentadas.

## **2. Redes Sociais na Internet, Comunidades Virtuais e a Inteligência Coletiva**

Esta seção visa apresentar uma discussão de conceitos e elementos decorrentes do avanço das tecnologias informacionais e comunicacionais, partindo de conceitos básicos relacionados à formação de redes sociais na internet. Logo após, são apresentados conceitos e discussões inerentes às comunidades virtuais do ciberespaço, bem como suas semelhanças com as comunidades tradicionalmente encontradas nos espaços físicos/reais. Por fim, apresenta-se nesta seção uma breve discussão sobre a inteligência coletiva e suas relações com a EAD.

### **2.1 Redes Sociais e o ciberespaço**

Atualmente a discussão sobre redes sociais está em evidência, especialmente em função do crescimento desenfreado das redes sociais formadas e desenvolvidas no ambiente virtual da internet, chamado de ciberespaço. Nesse sentido, e visando alcançar a discussão que aqui se pretende, há que se recorrer às conceituações sobre redes sociais para entender um pouco da natureza e dinâmica das mesmas.

Rede social pode ser conceituada como “o campo, presente em determinado momento, estruturado por vínculos entre indivíduos, grupos e organizações constituídos ao longo do tempo”. Além disso, há uma questão relacionada à natureza e história destes vínculos, já que estes “podem ter sido construídos intencionalmente, embora a sua maioria tenha origem em relações herdadas de outros contextos” (MARQUES, 1999, p. 46). Fato é que tais redes podem ser formadas intencionalmente, já que o próprio verbo “*to network*” na língua inglesa indica ações como “enredar”, “emaranhar-se”, “prender-se na rede”. Desta forma, pessoas com maiores capacidades de liderança podem formar redes ao articular pessoas e interesses comuns (AGUIAR, 2007).

De modo geral, as redes sociais podem ser compreendidas como quaisquer **relações entre pessoas, sendo estas mediadas ou não por sistemas informatizados**. As relações que as sustentam podem ser efetivadas por interações que normalmente resultam em mudanças na vida das pessoas, para o coletivo ou ainda para organizações, visto que tais interações podem ser estabelecidas em razão de interesses diversos, particulares ou coletivos (AGUIAR, 2007).

De acordo com Aguiar (2007) os padrões de rede passaram a ser estudados por antropólogos, sociólogos e psicólogos sociais dos EUA, Alemanha e Inglaterra a

partir da década de 1940. Nestes estudos o foco se dava especialmente nas formas como os nós se configuravam e nos fluxos de informação entre os participantes. Isso se explica visto que a estrutura e a dinâmica de uma rede são indissociáveis quando se trata de análises de seus vínculos, nós e de suas relações, já que tal análise deve ser realizada em função dos fatores espaço e tempo.

Um questão estrutural bastante recorrente na atualidade, seja na prática e também nas discussões teóricas sobre redes sociais, é relacionada aos espaços virtuais que possibilitam distintas configurações e possibilidades para tais redes. Para Schlemmer et al. (2006), os **espaços de convivência digital** ampliam as possibilidades de interação, de comunicação e acesso a informações aos indivíduos, possibilitando a criação de redes complexas, nas quais a estrutura não segue um padrão regular e, por isso, as informações se propagam além do raio de ação direta.

Para Bohadana e Valle (2009, p. 563), o que se denomina de interação no ciberespaço “é uma conquista eminentemente tecnológica, não é mais do que a consequência da interatividade alcançada pelo aperfeiçoamento tecnológico do suporte”. Ou seja, verifica-se apenas que há uma certa adequação dos aspectos e contextos sociais aos ambientes propiciados pela internet permitindo que estes espaços sejam ocupados por formas semelhantes às tradicionais formas de se fazer sociedade, aqui sendo amparada pela tecnologia.

A participação dos indivíduos nas redes sociais apresenta diferentes graus que variam de acordo com os interesses pelos temas e conteúdos abordados, do estímulo provocado pelos fluxos de mensagens, das ações comunicativas e das facilidades e dificuldades impostas à participação por meio dos recursos utilizados (AGUIAR, 2007).

As redes sociais formadas e desenvolvidas na internet são efetivadas por meio dos ciberespaços criados a partir das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e dos diversos recursos disponíveis. Entre os principais setores envolvidos neste tipo de rede estão a economia e negócios de diferentes naturezas, **a educação e os sistemas de ensino**, entre outros. É importante que os usuários de redes virtuais apresentem condições elementares para a participação e continuidade das redes virtuais como forma de sustentá-la, tais como “a motivação, tempo disponível e envolvimento das pessoas em torno dessas discussões, permanência, domínio técnico mínimo para utilização dos recursos e estabelecimento de comunicação”. De modo contrário, estes espaços se mostram desterritorializados e sem vínculos, além de tornar os fluxos de mensagens sem sentido em virtude da ausência de interação (MACHADO e TIJIBOY, 2005, p. 3).

Outro ponto importante das redes virtuais é a capacidade que estas apresentam de permitir que as relações sociais sejam mantidas **independentemente da distância geográfica** entre os indivíduos (WELLMAN e GULIA, 1999).

A partir deste contexto de redes sociais no ambiente da internet, surgem discussões acerca do estabelecimento de “comunidades virtuais”. Para alguns

autores como Lemos (2004) e Wellman (1988, 1999 e 2002), não se pode presumir que toda rede se constitui em uma comunidade virtual, visto que esta exige relações sociais mais fortes e profundas. Contudo, em função de demais elementos que são apresentados abaixo, aqui se defende que é possível se formar comunidades virtuais por meio das redes na internet, especialmente comunidades de aprendizagem.

## 2.2 Comunidades Virtuais

As relações comunitárias se baseiam em diversos elementos sociais, em especial a “língua”, que é a base para tais relações. Além disso, a coesão e a afinidade em torno de **interesses comuns** são elementos que sustentam a ideia de comunidade, visto que a coesão do grupo, ainda que em espírito ou pensamento, é que demonstra o maior **vínculo comunitário** entre as pessoas. Ou seja, uma comunidade é “compreendida como tudo que é confiante, íntimo, que vive exclusivamente junto...”. As relações comunitárias se baseiam no estado primitivo e natural das relações, e não na racionalidade econômica que por vezes aparece como o objetivo das relações entre as pessoas (TÖNNIES, 1973, p. 97).

As constantes mudanças que vêm ocorrendo na sociedade impactam as formas como as pessoas se relacionam em comunidades, sendo que muitas delas se extinguem, outras se re-configuram e outras surgem nas interações, em especial por meio do avanço da Comunicação Mediada por Computador (CMC). É diante deste contexto que se fortalece a necessidade de compreender e conceituar novas formas relacionais em comunidades, visto que elementos mais tradicionais associados a este conceito, tal como o da territorialidade geográfica, tem deixado de ser essencial para a caracterização de grupos que baseiam a interação de seus membros no ciberespaço (PERUZZO, 2002).

Há uma infinidade de entendimentos sobre o que é uma comunidade em virtude da falta de consenso entre os cientistas sociais. Normalmente a literatura sobre comunidades traz algumas abordagens para denominar diferentes tipos de agregações sociais, tais como: para dar conotações de atualidade para associações de pessoas, sendo utilizado de forma decorativa; para denominar organização social, sistema social ou grupos sociais; para segmentos específicos da sociedade, a exemplo de comunidade universitária, científica, negra ou religiosa; para denominar grupos localizados em regiões com espaços geográficos reduzidos, como vila, bairro. Ao expor os conflitos conceituais acerca do que viria a ser uma comunidade, percebe-se que o termo é muito utilizado de forma indistinta, o que também evidencia uma infinidade de formas de interação social que portam características comunitárias, a exemplo também das comunidades virtuais (PERUZZO, 2002).

Aqui não se pretende resgatar todos os textos que tratam de conceituações de comunidade, mas busca-se demonstrar em que sentido este termo é utilizado neste trabalho, com base em autores e trabalhos que retratam as comunidades da forma como se assume aqui.

As comunidades virtuais foram possíveis graças ao surgimento da Web 2.0, responsável pela criação e estabelecimento de um novo paradigma na internet ao permitir que os usuários participassem das **discussões e trocas de conteúdo, de forma colaborativa e recíproca**. Desta forma, permitem a criação de redes sociais virtuais se mostram como um dos principais componentes deste novo padrão da web que, diferente de uma página estática da Web, permite maior envolvimento dos usuários, interatividade e trocas de conhecimentos (SANTOS JÚNIOR; MANTOVANI, 2010).

Outro ponto favorável à formação de comunidades virtuais se deu a partir da redução das possibilidades de encontros reais entre as pessoas, possibilitando a criação e manutenção de laços emotivos por meio da internet e discussões virtuais duradouras (RHEINGOLD, 1996). Estas comunidades, apesar de por um lado parecerem ameaçar a sociabilidade, se mostram úteis sob o ponto de vista do **dinamismo e vitalidade social**, por permitirem um espaço que potencializa as conexões entre os indivíduos (PRIMO, 1997).

No entendimento de Corrêa (2004, p. 5), “o ciberespaço potencializa o surgimento de comunidades virtuais e de agregações eletrônicas em geral que estão delineadas em torno de interesses comuns, de traços de identificação”, visto que neste tipo de ambiente as noções de espaço e tempo são ignoradas como barreiras para as relações, podendo aproximar pessoas que nem ao menos tenham se encontrado pessoalmente. Assim, há que se entender que este espaço se apresenta apenas como meio para as conexões e interações entre os indivíduos e não como fator de mudanças, já que, ao possibilitar a comunicação entre indivíduos de diferentes partes do planeta, **possibilita o intercâmbio de crenças, valores, ideias, comportamentos e conhecimento entre as pessoas**.

Também nas comunidades virtuais algumas características classicamente direcionadas para comunidades são encontradas, entre as quais podem-se destacar: a presença de laços fortes e recíprocos; aspectos da vida em comum; relações sociais que são suficientes para o grupo; aspectos culturais e objetivos comuns; espontaneidade e naturalidade das identificações entre os indivíduos; identificação singular que diferencia o grupo; sensação de pertencimento e participação ativa dos indivíduos no grupo; linguagem semelhante, e; localização territorial específica. Contudo, este último elemento é deixado de lado ou entendido também como espaço virtual quando se denomina as redes sociais estabelecidas no ciberespaço como comunidades virtuais (PERUZZO, 2002).

Primo (1997) discute alguns tipos de comunidades e suas características, buscando conceituar as comunidades virtuais formadas a partir da internet. Apoiado na definição de Ferdinand Tönnies de 1887, que classificou a organização social em dois tipos, comunidades (*gemeinschaft*) e associações (*gesellschaft*), o autor defende que as comunidades virtuais formam um tipo de organização mais aproximado do primeiro tipo, já que elas apresentam relações íntimas e com senso comunitário, diferentemente da organização associativa em que os indivíduos buscam relações sociais como meio para obter seus objetivos, característica da

sociedade urbana industrializada. Contudo, talvez o mais interessante é se pensar na formação das comunidades como uma extensa rede de relações e interesses coletivos, como para Galindo Cáceres (2000) que no início deste século já chamava a atenção para o fato de que toda comunidade virtual se configura como uma rede.

Independente da natureza da comunidade – se associação ou rede - Primo (1997) chama a atenção para o fato de que as comunidades virtuais, assim como as reais, assumem características tanto positivas, como amizades, amor e tolerância, quanto negativas, como no caso de violências, ódio, vergonhas e pornografias. Em ambos os casos, a justificativa pode ser feita a partir da **utilização ou não das normas de etiqueta** (“netiqueta”) e dos desvios de conduta e rebeldia.

Entendido que as comunidades virtuais podem ser verdadeiras redes de relações estabelecidas no ciberespaço, é possível compreender as possibilidades de transformações sociais e de alcance de objetivos coletivos e compartilhados. Estas podem ser úteis como **espaços de aprendizado coletivo** e de **trocas cooperativas de conhecimento**, contribuindo para “a mobilização dos saberes, o reconhecimento das diferentes identidades e a articulação dos pensamentos que compõem a coletividade” (MACHADO e TIJIBOY, 2005, p. 8).

Portanto, o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação e informação altera sobremaneira os processos de comunicação, produção e distribuição de bens e serviços e configuram novos contextos sociais, culturais e políticos (LÉVY, 2000; LEMOS; LÉVY, 2010). Rheingold (1996, p. 19) chama a atenção para a relevância assumida pela internet no contexto atual da sociedade e assumindo que o futuro dela “está ligado ao futuro da comunidade, da democracia, da educação, da ciência e da vida intelectual”. É neste sentido que se apresenta a próxima seção sobre a inteligência coletiva.

### 2.3 Inteligência Coletiva

As redes na internet e as comunidades virtuais que se originam neste contexto não apenas possibilitam a interação e encontro de pessoas, mas se tornaram um ambiente no qual se pode alcançar **objetivos definidos pela coletividade**, além da possibilidade de se criar e obter informações relevantes que constituem a inteligência coletiva (RHEINGOLD, 1996).

A cibercultura, criada no ambiente do ciberespaço, se apoia em três tendências: a interconexão, a criação de comunidades e a inteligência coletiva. Por interconexão, entende-se o estabelecimento de relações entre computadores, meios de comunicação, pessoas, grupos e instituições, e pode gerar “curto-circuitos entre os níveis hierárquicos e as culturas”. Já a criação de comunidades virtuais antecede a própria internet, sendo uma forma dos indivíduos explorarem outras possibilidades de comunicação e relações. Por fim, a inteligência coletiva “representa o apetite para o aumento das capacidades cognitivas das pessoas e dos grupos, quer seja a memória, a percepção, as possibilidades de raciocínio, a aprendizagem ou a criação” (LEMOS e LÉVY, 2010, p. 14).

No entendimento de Lemos e Lévy (2010), o conceito de **inteligência coletiva** pode ser considerado um pleonasma, visto que a inteligência já é por si só coletiva. Porém, este termo é utilizado como forma de ampliar o entendimento em relação à potência de autocriação dos grupos sociais. Além disso, de acordo com Lévy (2000, p. 30), os “processos de inteligência coletiva desenvolvem-se de forma eficaz graças ao ciberespaço”. É este espaço que possibilita “acelerar cada vez mais o ritmo da alteração tecno-social”. De forma semelhante, Rheingold (1996) discute estas possibilidades por meio do ciberespaço, mas denomina este processo de “mentes coletivas”.

A comunicação entre os membros de uma rede de usuários exerce papel primordial para a manutenção e crescimento destas, sendo que sua possibilidade de crescimento ilimitado se sustenta com base nas condições de **interação e trocas de informações**. Além disso, compreende-se que a dinâmica surgida neste tipo de interação é que permite utilizar-se das redes como fonte para efetuar transformações sociais (CASTELLS, 1999). Neste contexto, a importância dos processos relacionados à inteligência coletiva no ambiente virtual está relacionada ao favorecimento do desenvolvimento da própria noção de civismo e de democracia (LE MOS E LÉVY, 2010).

No entendimento de Santos (2009, p. 5670), todo o envolvimento entre os indivíduos participantes depende do “movimento comunicacional e pedagógico dos sujeitos envolvidos para a garantia da interatividade e da co-criação”. Para o autor, é esperado que o sujeito aprenda mais e melhor quando existe certo tipo de provocação do ‘outro’ e da sua experiência e inteligência.

Desta forma, na educação a distância a **comunicação** exerce papel importante para a construção colaborativa ou para a formação de comunidades virtuais, desde o próprio desenvolvimento da comunidade como também para as suas produções. As relações em comunidades podem evidenciar “um processo educacional colaborativo no qual todos se comunicam com todos e podem produzir conhecimento, como ocorre nas comunidades virtuais colaborativas” (ALMEIDA, 2003, p. 333).

Em defesa das possibilidades interativas e relacionais permitidas no ciberespaço em favor da educação, Santos (2009, p. 5669) argumenta que é possível “colocar em prática novos arranjos espaciotemporais para educar sujeitos geograficamente dispersos ou para ampliar a prática pedagógica presencial”. Como forma de potencializar estas possibilidades, é possível se utilizar de mídias interativas e da aprendizagem colaborativa e não apenas a autoaprendizagem. Ou seja, a importância da educação a distância encontra-se mais fortalecida na **coletividade** do que nas práticas individuais de ensino, contexto que pode ser melhor alcançado por meio de relações e vínculos mais próximos de forma comunitária.

Na visão de Gadotti (1999, p. 8) as possibilidades da educação a distância vão “muito além do espaço de acumulação de dados, passando à construção de uma rede solidária de educadores” e, desta forma, pode permitir preservar “as



particularidades individuais e coletivas, buscando uma educação rica de possibilidades para todos”.

Portanto, e por fim, como se trata de um ambiente de socialização, interação e comunicação frequente, é necessário haver um sentimento de respeito para com os demais usuários de uma rede, visto que regras de “etiquetas”, formais e informais, são criadas e informadas pelos participantes, normalmente por parte dos membros mais antigos ou pelos moderadores, no caso da educação, papel exercido por professores e tutores. Entre estas regras figuram principalmente as relacionadas aos comportamentos esperados de cada participante e informações acerca de como a interação deve ocorrer, sem hostilidades, ofensas e informações desqualificadas, como forma de disciplinar o comportamento do grupo (SILVA, GOEL e MOUSAVIDIN, 2008).

Vistas as principais informações acerca das redes sociais na internet e comunidades virtuais, bem como sobre a inteligência coletiva, na próxima seção é apresentada a discussão sobre como estes conceitos e elementos se relacionam no ambiente da educação à distância.

### **3. Discussão**

Conforme apresentado ao longo da discussão, pode-se notar que os conceitos de comunidade normalmente são perpassados pela ideia de relações entre pessoas, independentemente de estas serem mediadas por sistemas informatizados. Contudo, na atualidade se depara com o crescimento deste tipo de mediação e de alterações nas formas de se entender e perceber as nuances de “tempo e espaço” atuais. Os novos espaços de convivência digital têm impacto de modo irreversível vários contextos sociais e econômicos e, em especial, a educação e os sistemas de ensino.

O impacto de que se fala remete às novas formas de se trabalhar os processos de ensino-aprendizagem no que concerne à educação à distância ou educação *on line*. Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), independentemente dos softwares utilizados para criá-los, têm reduzido a importância do elemento “distância geográfica” no planejamento e execução das atividades educacionais à medida que as tecnologias são desenvolvidas e propiciam maior interatividade entre os usuários, o que permite alavancar a qualidade dos processos educacionais.

Os AVAs, além de criarem um ciberespaço propício para as interações entre os indivíduos participantes dos processos educacionais, permitem que estes criem vínculos entre si, seja a partir de identificações diversas como também em função dos interesses comuns ou complementares que apresentam nestes espaços. Neste contexto comunitário virtual tornam-se possíveis trocas de conteúdos e discussões de forma recíproca e colaborativa, bem como o intercâmbio de conhecimentos e ideias, permitindo que se criem verdadeiros espaços de aprendizado coletivo e de trocas cooperativas de conhecimentos.

Quando se estabelecem espaços de convivência e de trocas de informações e conhecimentos, é possível se falar em inteligência coletiva. Além disso, quando este contexto social é superado com o crescimento de vínculos sociais entre os participantes espera-se que a vitalidade e o dinamismo social deem forma e consistência às redes sociais formadas e o caráter de comunidades virtuais, nas quais as interações e aprendizados são apenas algumas das facetas possíveis para os grupos sociais formados.

Como em qualquer outro tipo de comunidade, nas comunidades virtuais de aprendizagem estabelecidas pelas diversas formas e contextos da Educação à Distância espera-se que os participantes interajam, criem e compartilhem conhecimentos, definam e persigam objetivos coletivos e tenham condições necessárias de organização e respeito entre os participantes. No caso do ciberespaço, como já mencionado, defende-se a necessidade de incorporação de normas de etiqueta tal qual nas demais configurações de comunidades, aqui chamadas de “netiqueta”, a qual permite que os moderadores e líderes tenham condições de manter a ordem e evitar formas de desrespeito e autodestruição dos laços e relações que sustentam as redes criadas.

Outro assunto recorrente em relação à questão de comunidades se dá em função das formas de inserção nestas. No caso da EAD, inicialmente estudantes e educadores se inserem ou são inseridos em cursos, polos de ensino e turmas em função de escolhas ou por necessidades diversas. Contudo, o simples pertencimento a um mesmo grupo definido por motivos organizativos não permite inferir que se formará uma comunidade virtual de aprendizagem. As simples trocas de informações entre os participantes não significam existência de relações vínculos emocionais ou afetivos, muito menos de processos comunicacionais efetivos. Contudo, é possível indagar que existe possibilidade de que tais redes criadas nos AVAs se desenvolvam ao ponto de permitir o surgimento de verdadeiras comunidades virtuais de aprendizagem, nas quais além dos vínculos seja possível perceber o comprometimento coletivo, as cooperações e trocas de conhecimentos, a busca por objetivos comuns e compartilhados, entre outras possibilidades que só são possíveis a partir da coletividade e sentimentos comunitários.

#### **4. Considerações Finais**

O presente estudo buscou evidenciar e defender que a Educação a Distância pode se amparar na formação de comunidades virtuais e que a inteligência coletiva mostra-se como um conceito fundamental para compreender as relações estabelecidas nas comunidades virtuais de aprendizagem na EAD. Além disso, a discussão procurou evidenciar que a EAD pode se aproveitar das possibilidades de criação e compartilhamento de conhecimentos na coletividade opondo-se às situações nas quais esta modalidade de ensino, ou seus atores – educadores e estudantes – amparam-se em atividades individualizadas e perdem oportunidades de melhorar a qualidade dos processos de ensino-aprendizagem.

Como contribuição teórica este estudo permite que se analisem os diversos

conceitos atuais relacionados à sociabilidade e interação no ciberespaço. Contudo, visa demonstrar que tais conceitos podem e precisam ser aglutinados em análises de contextos educacionais ocorridos no ambiente da internet. Além disso, pode contribuir para reflexões sobre as formas como as discussões deste campo de pesquisa tem sido normalmente levada para compreensões de partes do processo educacional enquanto a análise das criações coletivas e das cooperações de aprendizado podem conceder novas possibilidades de análise.

Além disso, este estudo traz como contribuição empírica possibilidades de análises práticas sobre o papel e atividades desenvolvidas pelos atores da EAD, educadores e estudantes. Desta forma, pode levar a alterações que vão das atividades individualizadas destes atores à incorporação de formas que busquem qualificar o ensino e aprendizagem baseados por meio de atividades de compartilhamento e cooperação nestes processos.

Foram encontradas algumas as limitações para este estudo, sendo algumas no campo teórico e outras no campo da prática. Em relação à limitações teóricas aponta-se, conforme comentando no início do estudo, que há um descolamento e distanciamentos de conceitos que por natureza poderiam estar mais próximos. Assim, não há uma teoria e nem mesmo abordagens claras que evidenciem e fortaleçam as discussões aqui apresentadas. Por isso mesmo é que este estudo pode servir de base outros que aprofundem análises e discussões. Como limitação empírica, este estudo não trouxe análise de nenhum caso para exemplificação e análise, o que é compreendido pelo fato de que o mesmo se propõe a apresentar uma discussão teórica que dê base para novos trabalhos.

Por fim, sugere-se que novos estudos busquem trazer à tona casos reais que possam esclareça os conceitos aqui apresentados ou mesmo redefiní-los ou contestá-los. Novos estudos podem, por exemplo, esclarecer formas de atividades que levem em consideração a inteligência coletiva e verificação de seus resultados em comparação com atividades individualizadas. Outros estudos podem, por exemplo, demonstrar características e elementos que atestem ou contestem a formação de comunidades virtuais nos ambientes do ciberespaço utilizados por cursos e atores ligados à EAD como forma de verificar se estas comunidades são verificáveis ou se não passam de formas de redes sociais.

## 5. Referências

- AGUIAR, S. Redes sociais na internet: desafios à pesquisa. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2007. *Anais...* Santos: Intercom, 2007a. Disponível em: <[http://www.sitedaescola.com/downloads/porta1\\_aluno/Maio/Redes%20sociais%20na%20internet-%20desafios%20%E0%20pesquisa.pdf](http://www.sitedaescola.com/downloads/porta1_aluno/Maio/Redes%20sociais%20na%20internet-%20desafios%20%E0%20pesquisa.pdf)> Acesso em: 12 jan. 2012.
- ALMEIDA, M. E. B. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.2, p. 327-340, jul./dez. 2003.

- BOHADANA, E.; VALLE, L. O quem da educação a distância. *Revista Brasileira de Educação*, v.14, n.42, set./dez., 2009.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CORRÊA, C. H. W. Comunidades Virtuais gerando identidades na sociedade em rede. *Ciberlegenda*. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Niterói, n.13, 2004. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/226/122>> Acesso em: 23 jan. 2012.
- GADOTTI, M. *O ciberespaço da formação continuada: educação a distância com base na Internet*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1999.
- GALINDO CÁCERES, J. *Construcción de una comunidad virtual. Signo e Pensamiento*. Bogotá: Universidad Javeriana, 2000. v.XIX. p.93-102. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=86011275010>> Acesso em: 15 fev. 2012.
- LEMOS, A. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2004. 295p.
- LEMOS, A.; LÉVY, P. *O Futuro da Internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Editora Paulus, 2010. 258p.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2000. 260p.
- MACHADO, J. R.; TIJIBOY, A. V. Redes Sociais Virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa. *Novas Tecnologias na Educação*. CINTED-UFRGS. Porto Alegre, v.3, n.1, mai. 2005. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/renote/article/view/13798/7994>> Acesso em: 25 jan. 2012.
- MARQUES, E. Redes Sociais e Instituições na Construção do Estado e da sua Permeabilidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.14, n.41, Out. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v14n41/1751.pdf>> Acesso em 15 fev. 2012.
- PERUZZO, C. M. K. Comunidade em tempo de redes. In: PERUZZO, C. M. K.; COGO, D.; KAPLÚN, G. (Orgs.) *Comunicação e movimentos populares: quais redes?* São Leopoldo: Unisinos, 2002. P. 275-298. Disponível em: <[http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/comunidades\\_em\\_tempos\\_de\\_redes.pdf](http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/comunidades_em_tempos_de_redes.pdf)> Acesso em 13 fev. 2012.
- PRIMO, A. F. T. A emergência das comunidades virtuais. In: Intercom 1997 - XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1997, Santos. *Anais...* Santos, 1997. Disponível em: <[http://www.sitedaescola.com/downloads/porta\\_aluno/Maio/A%20emerg%EAncia%20das%20comunidades%20virtuais.pdf](http://www.sitedaescola.com/downloads/porta_aluno/Maio/A%20emerg%EAncia%20das%20comunidades%20virtuais.pdf)>. Acesso em: 18 jan. 2012.
- RHEINGOLD, H. *Comunidade virtual*. Trad. Helder Aranha. Lisboa: Gradiva, 1996.

- SANTOS, E. Educação online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. *Anais...* Braga: Universidade do Minho, 2009.
- SANTOS JÚNIOR, D. L.; MANTOVANI, D. M. N. Comunicação nas redes sociais: um estudo com usuários das comunidades do Orkut. *Análise*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, v.21, n.1, p.30-41, jan./jun., 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/face/article/viewFile/8235/5905>> Acesso em: 17 jan. 2012.
- SCHLEMMER, E.; BACKES, L.; FRANK, P. S. S.; SILVA, F. A.; DEL SENT, D. T. ECoDI: A criação de um Espaço de Convivências Digital Virtual. In: XVII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação - XVII SBIE, 2006. Brasília. *Anais...* Disponível em: <<http://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/507/493>> Acesso em: 10 jan. 2012.
- SILVA, L.; GOEL, L.; MOUSADIVIN, E. Exploring the dynamics of blog communities: the case of MetaFilter. *Information Systems Journal*, v.19, p. 55-81, 2008.
- TÖNNIES, F. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNANDES, F. (Org.) *Comunidade e Sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Editora da USP, 1973. p. 96-116.
- WELLMAN, B.; BERKOWITZ, S. D. *Social structures: a network approach*. New York: Cambridge University Press, 1988.
- WELLMAN, B. From little boxes to loosely-bounded networks: the privatization and domestication of community. In: ABU-LUGHOD (Ed.) *Sociology for the twenty-first century: continuities and cutting edges*. Chicago: University of Chicago Press, 1999. p. 94-114. Disponível em: <<http://homes.chass.utoronto.ca/~wellman/publications/littleboxes1/littleboxes1.pdf>> Acesso em: 10 fev. 2012.
- WELLMAN, B. Little Boxes, Glocalization, and Networked Individualism. In TANABE, M., BESSELAAR, P. V. D.; ISHIDA, T. (Eds.) *Digital Cities II: Computational and Sociological Approaches*. Berlin: Springer-Verlag, 2002. p. 11-25. Disponível em: <<http://homes.chass.utoronto.ca/~wellman/publications/littleboxes/littlebox.PDF>> Acesso em: 10 fev. 2012.
- WELLMAN, B.; GULIA, M. Net surfers don't ride alone: virtual communities as communities. In: KOLLOCK, P.; SMITH, M. (Eds.) *Communities and Cyberspace*, New York: Routledge, 1999. Disponível em: <<http://homes.chass.utoronto.ca/~wellman/publications/netsurfers/netsurfers.pdf>> Acesso em: 09 fev. 2012.